

INTRODUÇÃO À TEOLOGIA DE 1 MACABEUS

Willibaldo Ruppenthal Neto¹

RESUMO

O presente artigo visa apresentar a teologia de 1 Macabeus, evidenciando se tratar de um livro histórico que carrega consigo uma teologia da resistência armada, bastante diferente da teologia da ressurreição e do martírio presente no livro de 2 Macabeus, relato concorrente a 1 Macabeus a respeito da Revolta dos Macabeus. O conhecimento do livro de 1 Macabeus, sua teologia e sua importância como propaganda asmoneia permite que o leitor tenha melhor compreensão da variedade teológica dos grupos religiosos judaicos posteriores ao período macabeu.

Palavras-chave: 1 Macabeus, Revolta dos Macabeus, resistência política

ABSTRACT

This article aims to present the theology of 1 Maccabees, showing that it's a historical book that carries a theology of armed resistance, very different than the theology of resurrection and martyrdom in the book of 2 Maccabees, a competitor report of 1 Maccabees about the Maccabean revolt. The knowledge of the book of 1 Maccabees, its theology and its importance as a Hasmonean propaganda allows that the reader have better comprehension of the theological variety of the posterior Jewish religious groups.

Keywords: 1 Maccabees, Maccabean Revolt, political resistance.

INTRODUÇÃO

¹ Aluno do Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em História (UFPR) e Bacharel em Teologia (FABAPAR). Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (UFPR) e integrante da linha de pesquisa Cultura e Poder (UFPR) e do Grupo de Estudos Interpretação, atualização e transmissão dos ensinamentos bíblicos, vinculado às FABAPAR. Bolsista CNPq. E-mail para contato: willibaldoneto@hotmail.com



Apesar do livro de 1 Macabeus não estar presente nem no cânon judaico (*Tanakh*), nem no cânon protestante, está presente nas Bíblias Católicas, uma vez que este texto se encontrava na Septuaginta (LXX), a primeira tradução grega dos escritos sagrados judaicos². Apesar deste livro não ter sido incorporado no cânon judaico, sua incorporação na LXX indica a importância que tal livro teve dentro da história do judaísmo antigo. O valor de 1 Macabeus se deve principalmente ao fato de que é um dos mais importantes relatos da Revolta dos Macabeus, um dos acontecimentos mais importantes na história judaica e mesmo na história do período helenístico: segundo o historiador britânico Fergus Millar, “em termos da subsequente história do mundo os assuntos que foram agitados pela perseguição de Antíoco e a contra-revolução macabeia (...) tiveram uma significância muito maior que qualquer outro aspecto do período helenístico”³. Este acontecimento não afetou somente a história judaica como ainda a própria percepção dos judeus sobre a atuação de Deus na história, ou seja, a própria teologia judaica teve profundas transformações a partir deste contexto. O conhecimento da teologia de 1 Macabeus, portanto, permite que se compreenda mais claramente as transformações teológicas que se deram no período helenístico, justamente entre o Antigo e o Novo Testamento, servindo como fonte para explicação das claras diferenças teológicas entre os dois testamentos e mesmo da variedade de grupos dentro do judaísmo neste contexto posterior à Revolta dos Macabeus.

CONTEÚDO E MENSAGEM

² Apesar da Septuaginta, ou “tradução dos setenta” (LXX), ser a primeira tradução completa dos escritos sagrados judaicos, é bem possível de se pensar que algumas partes da Torá já tivessem sua tradução grega antes da LXX (MOMIGLIANO, 1975, p. 84), o que parece ser indicado por Aristobulo, um judeu alexandrino do século II a.C. (cf. Eusebio, *Praep. Ev.*, 13.12.1). Mesmo assim, porém, a LXX teve importância fundamental não apenas para o judaísmo como ainda para o cristianismo posterior.

³ MILLAR, 2006, p. 66.



O texto de 1 Macabeus, após uma contextualização por um breve relato a respeito de Alexandre, o Grande, e as monarquias helenísticas⁴ que lhe sucederam (1.1-9), narra a história da ascensão de Antíoco IV Epifânio ao trono do Império Selêucida⁵, da perseguição ao judaísmo empreendida por ele (1.10-64)⁶, e da resistência judaica iniciada pelo sacerdote Matatias (2.1-70), e levada adiante pelos seus filhos – Judas Macabeu (3.1-9.22), Jônatas (9.23-12.54), e Simão (13.1-16.24) – resistência esta que ficou conhecida como a Revolta dos Macabeus⁷. Trata-se, portanto, de um relato dos 40 anos “desde a ascensão de Antíoco IV Epifânios ao trono, em 175 a.C., até à morte de Simão, em 135 a.C.”⁸.

A narrativa da Revolta dos Macabeus no livro de 1 Macabeus tem como intuito enfatizar a importância da liderança dos macabeus na luta contra os selêucidas, de modo que apresenta suas lutas ao estilo bíblico, imitando o estilo literário dos livros de Samuel e do livro de Juízes⁹. Também a imagem dos heróis macabeus segue o exemplo dos heróis bíblicos¹⁰, como Fineias,

⁴ Após a morte de Alexandre, o Grande, seu Império acabou sendo dividido em diversas partes pelos seus generais e sucessores, os diádocos, que após diversas guerras acabaram por se estabelecerem como fundadores de dinastias governantes de monarquias helenísticas, a exemplo do Império Ptolomaico no Egito, da dinastia de Ptolomeu, e o Império Selêucida na Síria, da dinastia de Seleuco.

⁵ Sobre o Império Selêucida, cf. HABICHT, 2009, pp. 174-242.

⁶ Segundo o próprio relato de 1 Macabeus 1.41-50: “O rei prescreveu, em seguida, a todo o seu reino, que todos formassem um só povo, renunciando cada qual a seus costumes particulares. E todos os gentios conformaram-se ao decreto do rei. Também muitos de Israel comprazeram-se no culto dele, sacrificando aos ídolos e profanando o sábado. Além disso, o rei enviou, por emissários, a Jerusalém e às cidades de Judá, ordens escritas para que todos adotassem os costumes estranhos a seu país e impedissem os holocaustos, o sacrifício e as libações no Santuário, profanassem sábados e festas, contaminassem o Santuário e tudo o que é santo, construísem altares, recintos e oratórios para os ídolos e imolassem porcos e animais impuros. Que deixassem, também, incircuncisos seus filhos e se tornassem abomináveis por toda sorte de impurezas e profanações, de tal modo que se olvidassem assim da Lei e subvertessem todas as observâncias. Quanto a quem não agisse conforme a ordem do rei, esse incorreria em pena de morte”. Utilizamos neste artigo a tradução da Bíblia de Jerusalém. Sobre a perseguição de Antíoco, cf. DORAN, 2011.

⁷ Sobre a revolta dos Macabeus, cf. GOLDSTEIN, 2007; MILLAR, 2006, pp. 67-90.

⁸ ROST, 2004, p. 72.

⁹ BICKERMAN, 2007, pp. 1128-1129.

¹⁰ HIMMELFARB, 1998, p. 21.



filho de Eleazar¹¹, que é lembrado quando Matatias exorta a seus filhos (2.54), e que parece ser o padrão de zelo seguido por Matatias (2.25-26; 44-48), por Judas (3.8), Jônatas (9.73), e Simão (14.7 e 14). É bem provável, portanto, que uma vez que seu propósito tenha sido o de promover a imagem dos asmoneus¹², o livro tenha sido escrito por um judeu educado que tinha fortes relações com estes¹³.

ASPECTOS GERAIS

Outro aspecto importante que conecta o livro de 1 Macabeus à Bíblia Hebraica é o uso da língua hebraica. Apesar de atualmente só termos contato com a tradução grega da LXX que foi preservada¹⁴, Orígenes (c185-253 d.C.) e Jerônimo (c347-420 d.C.) parecem ter tido contato com o texto original hebraico¹⁵. Jerônimo (*Prologus Galeatus*) afirma “encontrei o primeiro livro hebraico dos macabeus”, e Orígenes¹⁶ indica o título hebraico do livro como sendo *sarbêthsabanaiel*, aparentemente uma transliteração grega de uma frase hebraica ditada a ele. Segundo Jonathan A. Goldstein, Orígenes teria transliterado erroneamente a frase hebraica *sphar bêth sabanê êl*, que poderia ser traduzido tanto como “*o livro da dinastia dos resistentes de Deus*” ou

¹¹ BERTHELOT, 2006, pp. 103-104. Em 1 Macabeus 2.53 é dito que Fineias é quem recebe o livro da Lei, seguindo a tradição de Números 25.11-13. É evidente que Fineias serve como personagem central na relação com a Lei, especialmente pelo fato de que Moisés não é mencionado ao longo de 1 Macabeus (BECKING, 2011, p. 144). Fineias aparece também como antepassado e patrono da aliança e sumo sacerdócio (HIEKE, 2007, p. 64).

¹² A dinastia dos asmoneus governou Israel por cerca de cem anos, de 140 a.C. a 37 a.C., tendo estabelecido um Estado judaico independente com forte aspecto religioso, conquistando territórios ao redor da Judeia e mesmo impondo a religião judaica às cidades gregas conquistadas (Flávio Josefo, *AJ* XIII.257-258; XV.254). Sobre os asmoneus, cf. GOLDSTEIN, 2007. Sobre a política da imposição da religião judaica, cf. DABROWA, 2010.

¹³ BECKING, 2011, p. 144.

¹⁴ O texto grego foi preservado nos unciais Sin, A e V, assim como nos minúsculos 52, 56, 62, 106 e 107a, assim como há ainda uma recensão empreendida por Luciano que foi preservada nos códices 19, 64 e 93d. Aparentemente a tradução siríaca da Peshitta é derivada da recensão de Luciano (ROST, 2004, p. 71).

¹⁵ É bem possível que também Flávio Josefo tenha tido contato com o texto hebraico (BECKING, 2011, p. 143).

¹⁶ O texto de Orígenes foi preservado na citação de Eusébio em sua *História* Eclesiástica, 6.25.2.



“*o livro da dinastia dos resistentes a Deus*”, não ficando claro se tratasse de um título positivo ou negativo¹⁷. Segundo Leonard Rost, a frase original seria *Sarbêth Sabanaiel*, sendo o título “*Chefe da Casa dos Filhos de Deus*”¹⁸. De toda forma, o título hebraico do livro de 1 Macabeus parece indicar seu caráter dinástico.

O livro de 1 Macabeus é de fato uma obra de história dinástica, ou seja, é uma forma de “propaganda para a família asmoneia, os novos sumos sacerdotes e governantes de Israel”¹⁹. A dinastia dos asmoneus, que sobe ao trono de Israel a partir da Revolta dos Macabeus²⁰, tem em 1 Macabeus sua grande propaganda. Esta propaganda parece ser não somente importante como mesmo necessária quando se percebe que 1 Macabeus parece ser uma resposta a 2 Macabeus (ou à obra em cinco volumes de Jasão de Cirene, na qual o autor de 2 Macabeus se baseou), sendo um relato concorrente a respeito da Revolta dos Macabeus, não concedendo o mérito da vitória aos mártires (tal como em 2 Macabeus), mas aos combatentes macabeus. É provável que o fato de que Flávio Josefo se baseou “primariamente em 1 Macabeus”²¹ seja resultante da imagem positiva dos asmoneus presente em 1 Macabeus e reafirmada em Flávio Josefo²².

A datação do livro de 1 Macabeus é aferida principalmente pelo fato de que neste livro há “um dos mais marcantes elogios de Roma em toda a antiguidade”²³. O elogio a Roma, tão marcante de 1 Macabeus²⁴, indica uma datação anterior a 63 a.C., data da

¹⁷ GOLDSTEIN, 1975; GOLDSTEIN, 1976, pp. 16-17.

¹⁸ ROST, 2004, pp. 71-72.

¹⁹ HIMMELFARB, 1998, p. 21. Esta interpretação, de que 1 Macabeus é uma “propaganda dinástica” tem sua origem em Abraham Geiger, já no século XIX.

²⁰ GOLDSTEIN, 2007.

²¹ GAFNI, 1989, p. 116.

²² Sobre a imagem dos asmoneus em Flávio Josefo e 1 Macabes, cf. FELDMAN, 1994. Apesar de Flávio Josefo basear e muito seu relato sobre a Revolta em 1 Macabeus, parece desconhecer os capítulos 14 a 16 deste livro, não ficando claro se ele não teve contato com estes capítulos, ou se simplesmente optou por não os utilizar (ROST, 2004, p. 72).

²³ MOMIGLIANO, 1975a, p. 114.

²⁴ Sobre o elogio a Roma em 1 Macabeus, cf. SORDI, 1975.



invasão romana da Palestina²⁵. Ao mesmo tempo, a forma com que João Hircano é referido nos dois últimos versículos do livro (16.23-24) parecem indicar que o mesmo já havia morrido, ficando a datação do livro entre 104 a.C., data da morte de João Hircano, e 63 a.C., data da invasão romana²⁶. Se a afirmação em 2 Macabeus 1.10 for verdadeira, este outro livro deve ser datado no ano mencionado, 188 da era selêucida, ou seja, 124 a.C.²⁷. Se for assim, 1 Macabeus pode ser uma resposta a 2 Macabeus, se a datação for diferente, pode ocorrer o inverso, tal como é proposto por Jonathan A. Goldstein²⁸. Além da imagem dos asmoneus que é transmitida em 1 Macabeus e 2 Macabeus, estes livros se diferenciam na questão linguística: enquanto o primeiro foi originalmente escrito em hebraico, o segundo é uma obra escrita em grego, mesmo que contenha alguns hebraísmos²⁹.

O texto de 1 Macabeus, porém, tendo sido traduzido do hebraico para o grego, é evidentemente repleto de hebraísmos³⁰, apesar de não ser possível se distinguir entre o que é hebraico e o que é grego no texto³¹, impossibilitando uma “retradução” ao hebraico original. Mesmo assim, porém, seu caráter hebraico em

²⁵ Jonathan A. Goldstein (1976, p. 63) vale-se da data da invasão romana à Palestina como data máxima da escrita de 1 Macabeus, uma vez que seria bastante improvável que, após a invasão romana liderada por Pompeu, um texto judaico contivesse uma imagem tão positiva dos romanos tal como se encontra neste livro. É evidente que há obras judaicas que elevam a imagem dos romanos e datam após 63 a.C., a exemplo de Flávio Josefo, porém, além de Flávio Josefo ser subordinado aos romanos, escreve para estes, e não para os judeus, tal como é o caso de 1 Macabeus. O público judaico não é evidenciado somente pela língua original hebraica, mas pelo próprio caráter do livro. Assim, como bem lembra Momigliano, “por que um gentio leria mesmo uma tradução grega de I Macabeus?” (MOMIGLIANO, 1975, p. 114).

²⁶ GALLAZI; RUBEUX, 1993, p. 11.

²⁷ MOMIGLIANO, 1975b, p. 81.

²⁸ GOLDSTEIN, 1976, pp. 64-89.

²⁹ MOMIGLIANO, 1975b, p. 83.

³⁰ Cf. JOÛON, 1922. L. Rost lembra que a presença de hebraísmos indica se tratar de uma tradução grega do hebraico e não do aramaico (ROST, 2004, p. 72). Os hebraísmos estão presentes mesmo nas cartas entre judeus e espartanos (1 Mc 12.6-18,20-23; 14.20b-23), de modo que chegam a apresentar “uma mistura de terminologia selêucida, vocabulário judaico e grego ruim” (BREMNER, 2010, p. 56), o que poderia ser um indício da falsidade destas cartas (como defende Jan Bremner), ou ainda um resultado de uma dupla tradução destas (NISULA, 2005, p. 203), primeiramente traduzidas do grego (cartas originais) para o hebraico (1 Macabeus original), e depois novamente para o grego (tradução grega de 1 Macabeus).

³¹ MOMIGLIANO, 1976, p. 658.



língua e estilo, valendo-se do estilo poético hebraico do *parallelismus membrorum*³² e de um hebraico arcaizante, parece ser uma forma de oficialização, demonstrando a pretensão de 1 Macabeus ser a crônica oficial da revolta e da ascensão da família dos asmoneus. No mesmo intuito o autor de 1 Macabeus também cita diversas cartas e documentos oficiais, de modo que dos 934 versos do livro, 138 podem ser considerados como documentos ou reportagens de cartas³³. Seu caráter propagandístico e sua intencionalidade de oficialidade, porém, evidenciam a necessidade de afirmação não somente da dinastia dos asmoneus, bastante questionada, como ainda ressaltar o valor da liderança política e militar na Revolta.

NEM MARTÍRIO, NEM RESSURREIÇÃO

Apesar de não estar completamente claro que obra é precursora – se 1 Macabeus, 2 Macabeus ou ainda a obra de Jasão de Cirene –, é evidente que 1 Macabeus se insere dentro de um contexto teológico específico, e posiciona-se frente a este, que é a teologia do martírio, que possui no livro de Daniel suas bases, e em 2 Macabeus sua culminância. O livro de Daniel não é exatamente um relato de martírio³⁴, mas possui elementos da posterior teologia do martírio na atitude passiva, na absoluta confiança em Deus, e na expectativa de uma recompensa futura³⁵, mesmo que não chegue a incentivar explicitamente a morte voluntária – até porque Daniel, Sadraque (Ananias), Mesaque (Misael) e Abedenego (Azarias) não morrem, mas são salvos por Deus. Mesmo assim, porém, o livro de Daniel abre as portas à

³² MOMIGLIANO, 1976, p. 658.

³³ NISULA, 2005, p. 201n1. Alguns documentos são indicados ainda com o termo grego *antigraphon*, referente a uma cópia autêntica, a exemplo das cópias das cartas entre judeus e espartanos (AMITAY, 2013), da carta de Demétrio a Lástenes (1 Mc 11.31), das cópias das placas a respeito de Simão no monte Sião (1 Mc 14.27) e de uma cópia da carta do cônsul romano Lúcio a Ptolomeu (1 Mc 15.24).

³⁴ Cf. BRETTTLER, 2002. Apesar de não haver relatos de martírio, há a profecia da perseguição que terá como consequência a morte de muitos, em Daniel 11.33-34.

³⁵ SHEPKARU, 2006, p. 11.



teologia do martírio, não somente por apresentar um contexto político que força os judeus fiéis a se colocarem em risco de vida, como ainda traz consigo a fé na ressurreição, que possui relação estreita com a teologia do martírio³⁶.

1 Macabeus de fato se vale das histórias do livro de Daniel, tendo-o como referência, mas não acompanha o mesmo na intervenção divina de modo que, “diferente de Daniel, 1 Macabeus dá pouca atenção às intervenções sobrenaturais em favor de seus heróis”³⁷. Ao mesmo tempo, porém, os heróis do livro de Daniel são lembrados: “Ananias, Azarias e Misael, por terem tido fé, foram salvos das chamas. Daniel, por sua retidão foi libertado da boca dos leões” (1 Mc 2.59-60). Essas referências, porém, são de exemplos de sobrevivência às adversidades, sem que com isso remetam a uma postura de resistência passiva ou mesmo de esperança na ressurreição, elementos claros no livro de Daniel. Assim, apesar da esperança do justo estar afirmada pela fidelidade à lei (2.64), o destino dos injustos não é a condenação eterna, tal como em Daniel 12, mas a morte, simbolizada pelo esterco e vermes (2.62), e pelo pó (2.63), o que parece indicar uma descrença na ressurreição ou mesmo na imortalidade³⁸.

Os mártires de fato aparecem no texto de 1 Macabeus, tanto em relatos de martírios individuais – como no relato dos que morreram por circuncidarem seus filhos (1.60-62), quanto de martírios coletivos – a exemplo dos mil mortos no dia de sábado (2.29-38). Acontece, porém, que o texto não somente aponta como resultado da perseguição a fuga (1.53) e não o martírio³⁹, como ainda “nenhum benefício é aferido”⁴⁰ às mortes dos mártires. Como preferiram morrer a se contaminarem, tiveram a morte como destino (1.63). Em 1 Macabeus não há nenhuma intervenção divina em assistência e defesa destes, tal como ocorre

³⁶ MARTIN-ACHARD, 2015, p. 238.

³⁷ SHEPKARU, 2006, p. 11.

³⁸ GOLDSTEIN, 1976, p. 12.

³⁹ SHEPKARU, 2006, p. 12.

⁴⁰ SHEPKARU, 2006, p. 12.



no livro de Daniel – com a ação angelical na proteção dos três amigos na fornalha (Dn 3.16-18), ou ainda de Daniel na cova dos leões (Dn 6.16-23) –, ou ainda na proteção do Templo e de um líder judeu, como no livro de 2 Macabeus, com a aparição de anjos a fim de castigarem Heliodoro quando pretende saquear o Templo (2 Mc 3) e na proteção de Judas Macabeu nas batalhas (2 Mc 10.25-31; 11.8-9).

Matatias e seus filhos, no relato de 1 Macabeus, conhecem bem o caminho do martírio, tal como foi tomado pelos que morreram para não profanarem ao sábado (2.29-38)⁴¹. Eles, porém, escolhem outro caminho, da resistência armada. Deste modo, quando ficam sabendo da morte de cerca de mil pessoas sem resistência por ter sido em dia de sábado, defendem uma atitude diferente:

Quando Matatias e seus companheiros souberam disso, choraram-nos amargamente. Disseram, porém, uns aos outros: "Se todos fizermos como esses nossos irmãos, se não lutarmos contra os gentios por nossa vida e por nossas tradições, eles em breve nos exterminarão da terra!" Tomaram, pois, naquele mesmo dia, esta decisão: "Todo aquele que vier atacar-nos em dia de sábado, nós o afrontaremos abertamente. Assim não morreremos todos, como morreram nossos irmãos em seus esconderijos. (1 Mc 2.39-41)⁴².

Sendo assim, quando por suas últimas palavras Matatias diz a seus filhos, “dai as vossas vidas pela Aliança de nossos pais”

⁴¹ É bem possível que a profanação ao sábado, no caso destas pessoas que estavam dentro de uma caverna, não seria somente a guerra ao sábado, mas já o ato de sair da caverna, cf. GOLDSTEIN, 1976, p. 237n34; Êx 16.29; CD 10.20-21, 11.14-15.

⁴² Em ambos os livros, o sábado é um dos pontos principais na perseguição de Antíoco e na oposição judaica (cf. 1 Mc 1.41-50; 2 Mc 6.4-6). A postura dos macabeus, porém, diverge de um livro para outro. Enquanto em 1 Macabeus os líderes da revolta não estão preocupados em deixar de lutar aos sábados, em 2 Macabeus a família macabeia tem a observância do sábado em grande estima (2 Mc 5.27). A decisão da abertura da observação do sábado para exceções parece ser uma inovação dos macabeus, segundo 1 Macabeus, e é interpretada por Josefo (AJ, XII.272-276) como a base para a prática normativa de seu tempo. Sobre o assunto, Cf. BORCHARDT, 2015.



(2.50)⁴³, não está convocando-os ao martírio, nem firmando sua esperança na ressurreição futura, mas incentivando seus filhos a confiarem que alcançarão a vitória, assim como “uma glória esplêndida e nome imorredouro” (2.51). Esta perspectiva teológica difere completamente da teologia de 2 Macabeus, onde a ressurreição é afirmada e o martírio é mesmo incentivado. Enquanto em 1 Macabeus os mártires são “vítimas zelosas que morreram desnecessariamente”⁴⁴, em 2 Macabeus se relata a história de Eleazar que, tendo a oportunidade de fingir estar comendo carne de porco, prefere antes morrer, e oferecer o exemplo aos mais jovens (2 Mc 6.18-31). Esta teologia da ressurreição e do martírio se evidencia especialmente no capítulo 7 de 2 Macabeus, onde sete irmãos são mortos por não comerem carne de porco, sendo fortalecidos por sua mãe mediante a fé na ressurreição. Apesar de ser possível que este capítulo seja uma interpolação posterior, tal como defende Daniel McClellan⁴⁵, não se pode negar a centralidade de ambos elementos – martírio e fé na ressurreição (cf. 2 Mc 14,46) – no livro de 2 Macabeus, uma vez que este livro “expressa a certeza que têm os mártires de que recuperarão os seus membros mutilados, seus suplícios não fazem senão adiantar a vinda do dia da ressurreição”⁴⁶.

Como bem afirmado por Tessa Rajak, a ênfase de 1 Macabeus “em uma resposta militar e política marginaliza a rota do martírio, que é mencionada com respeito, mas não explorada”⁴⁷. É bem provável, portanto, que a fé na ressurreição fosse teologicamente importante tanto no período asmoneu quanto no próprio relato da Revolta, uma vez que, como bem indicado por A. Causse, “o verdadeiro fermento da crença na

⁴³ Sobre as últimas palavras de Matatias e a importância das Escrituras, cf. HIEKE, 2007.

⁴⁴ SHEPKARU, 2006, p. 17.

⁴⁵ Cf. MCCLELLAN, 2009.

⁴⁶ MARTIN-ACHARD, 2015, p. 238.

⁴⁷ RAJAK, 2001, p. 103. Katell Berthelot também indica que a morte dos mártires do sábado é apresentada com este duplo elemento: “Estes judeus são apresentados como justos e piedosos, mas sua morte não é dada como exemplo, e sua escolha é implicitamente criticada, em nome do realismo” (BERTHELOT, 2006, p. 105).



ressurreição foi a perseguição no tempo de Antíoco Epifânio”⁴⁸. No livro de 1 Macabeus, no entanto, há uma retórica que “não glorifica a morte passiva voluntária”⁴⁹, mas antes se valoriza a morte resultante da batalha, pois “chama por guerreiros destemidos, e não dóceis mártires”⁵⁰.

A TEOLOGIA DA RESISTÊNCIA ARMADA

Como bem indicado por Katell Berthelot, tanto a teologia do martírio de 2 Macabeus quanto a teologia da resistência armada de 1 Macabeus são formas de resistência, apresentadas por duas vias, dois caminhos. Em ambos os caminhos, se pode perceber a exigência de fidelidade à lei, o heroísmo, e a disposição ao auto sacrifício⁵¹. Esta proximidade foi indicada por William R. Farmer, que apontou uma distinção entre “o desejo por lutar e matar pela Torah”⁵², “o desejo de sofrer e morrer pela Torah”⁵³ e a “autodestruição religiosa”⁵⁴, que seria o desejo do suicídio ao invés da morte pelas mãos do inimigo⁵⁵. Nestes três casos há o elemento religioso, de modo que são concepções teológicas e formas de heroísmo religioso⁵⁶. Mesmo que este elemento seja mais perceptível no martírio, a resistência armada “não é somente política, mas também intrinsecamente religiosa”⁵⁷. O uso literário

⁴⁸ CAUSSE apud MARTIN-ACHARD, 2015, p. 240.

⁴⁹ SHEPKARU, 2006, p. 18.

⁵⁰ SHEPKARU, 2006, p. 18.

⁵¹ BERTHELOT, 2006, p. 102.

⁵² FARMER, 1956, pp. 60-65.

⁵³ FARMER, 1956, pp. 65-68.

⁵⁴ FARMER, 1956, pp. 69-70.

⁵⁵ Este elemento aparece em 2 Macabeus no relato de Razis, que decide morrer por sua própria espada a morrer nas mãos de Nicanor (2 Mc 14.37-46). Não morrendo pelo golpe de sua espada, jogou-se de um muro, não morrendo na queda, acaba arrancando suas próprias entranhas e as joga no inimigo. Relato obviamente dramático, mas que ilustra uma tendência ao suicídio bastante real, como se pode notar pelo caso de Massada, pouco depois do saque romano a Jerusalém em 70 d.C. Não se deve pensar, porém, que o suicídio é incentivado como melhor forma de resistência em 2 Macabeus: neste livro a morte de Razis aparece como uma morte nobre (2 Mc 14.41-42), “mas o *summum* da nobreza e do heroísmo é alcançado pelos mártires” (BERTHELOT, 2006, p. 110).

⁵⁶ Como bem indicado por Roger Tomes, nos livros de 1 e 2 Macabeus se podem perceber as três formas de heroísmo: do guerreiro, do mártir e do suicida. Cf. TOMES, 2007.

⁵⁷ BERTHELOT, 2006, p. 102.



da imagem bíblica de Fineias, já mencionada anteriormente, relaciona 1 Macabeus a uma ideologia do zelo à lei, recorrendo ao modelo da guerra santa⁵⁸, tal como se pode ver no livro de Josué, por exemplo, de modo que Deus é quem esmaga os inimigos à frente de Judas e seus irmãos (1 Mc 3.19,22).

A ação divina, porém, não é resultado do sacrifício dos mártires, tal como em 2 Macabeus, mas é resultado da ação purificadora dos macabeus, em sua luta armada. Desta forma, assim como em 2 Macabeus “a mudança dos eventos é trazida pelo sangue dos mártires”⁵⁹, em 1 Macabeus a purificação é efetuada pela ação de erradicação dos ímpios de Israel pelas mãos dos macabeus. Desta forma, diferente de 2 Macabeus, onde Deus luta por alguns homens, contra outros, em 1 Macabeus, “homens lutam contra homens sob o comando de Deus” (ROST, 2004, p. 75). Assim, apesar da vitória proceder dos céus, “o papel da agência humana é vitalmente importante”⁶⁰. Uma possível relação é entre a teologia da guerra santa em 1 Macabeus e a conquista da terra prometida, porém, segundo Berthelot esta vinculação não deve ser exagerada⁶¹, de modo que não é um fundamento teológico de 2 Macabeus.

MESSIANISMO MACABEU

Apesar da imagem dos asmoneus ser claramente positiva em 1 Macabeus, estes aparecem como figuras dentro de uma história maior, do Reino de Deus prometido a Israel, uma vez que se trata de uma obra que segue a linha teológica da Bíblia Hebraica. Assim, há um aspecto messiânico em 1 Macabeus, mesmo que este não esteja completamente claro. Há, por causa disto, uma discussão a respeito do mesmo: enquanto Jonathan A. Goldstein defendeu que 1 Macabeus substitui a dinastia davídica pela

⁵⁸ BERTHELOT, 2006, p. 105.

⁵⁹ BICKERMAN, 2007, p. 1056.

⁶⁰ HEARD, 1986, p. 293.

⁶¹ Cf. BERTHELOT, 2007.



asmoneia⁶², John J. Collins afirmou que na realidade a dinastia davídica não é rejeitada em 1 Macabeus, senão adiada⁶³, e Choi chega a defender inclusive que pela presença da dinastia davídica ao fundo da teologia de 1 Macabeus, este livro não coloca os asmoneus como reis, senão somente como heróis do povo judeu⁶⁴.

Mesmo que o messianismo não seja claro em 1 Macabeus, é evidente, porém, que Judas aparece como uma figura que se coloca dentro da linha história do judaísmo bíblico. Desta forma, clama pela ajuda de Deus da mesma forma que Davi e Jônatas foram ajudados (4.30s). Isto não quer dizer, porém, que Davi é tomado a fim de fazer de Judas uma figura messiânica. Na realidade, Davi é tomado como referência especialmente por sua misericórdia, assim como Josué por seu comando⁶⁵, da mesma forma que os heróis bíblicos são lembrados por Matatias aos seus filhos não por estes terem aspecto messiânico, mas pelo desfecho positivo em suas histórias⁶⁶.

1 MACABEUS E OS GRUPOS JUDAICOS

É evidente que a permanência da teologia da resistência armada mesmo posteriormente, durante o domínio romano, explicitou o caráter político da mesma enquanto ideologia. Isto não quer dizer, porém, que não houvesse caráter religioso ou mesmo teológico. Mesmo com a proeminência do aspecto político, e até mesmo a crítica de Flávio Josefo⁶⁷, o grupo judaico dos Zelotes, por exemplo, possuía em sua ideologia elementos bastante teológicos, de modo que se constituía também na

⁶² GOLDSTEIN, 1987.

⁶³ COLLINS, 1987.

⁶⁴ CHOI, 2013.

⁶⁵ TOMES, 2007, p. 178.

⁶⁶ TOMES, 2007, p. 178. Como Thomas Kieke (2007, p. 74) indica, o foco das últimas palavras de Matatias deve estar na relação entre a performance/virtude dos heróis bíblicos e suas recompensas ainda em vida, tais como o poder (tanto político como religioso), alcançado por Fineias, José, Josué e Davi, e o livramento da morte, tal como Daniel, Ananias, Azarias e Misael tiveram.

⁶⁷ Flávio Josefo, *BJ*, IV.161.



dimensão religiosa⁶⁸. Assim, durante o domínio romano, com a proibição da circuncisão, surgiu a revolta de Bar Kokhba que, apesar de ter aspecto político e ideológico na resistência contra o domínio romano, foi claramente teológica na dimensão messiânica relegada à figura de Bar Kokhba⁶⁹. Esta relação direta entre a ideologia da resistência armada e uma teologia messiânica acaba por trazer à luz aspectos teológicos presentes na mesma, a exemplo da ideia do Reino de Deus e da participação humana na obra divina⁷⁰.

O caso da revolta de Bar Kokhba também indica uma aproximação das teologias da ressurreição e da resistência armada. Geza Vermes chega a sugerir que o auto sacrifício coletivo e o martírio individual deram vida ao ensinamento da ressurreição, cuja doutrina “continuou a desenvolver-se durante o período helenístico e romano, e chegou ao seu clímax durante a perseguição dos judeus observantes no curso da segunda guerra contra Roma, sob Adriano, em 132-135 d.C.”⁷¹. Sendo assim, há plena relação entre o auto sacrifício, o martírio e a resistência armada, de modo que a clara distinção entre as teologias de 1 Macabeus e 2 Macabeus pode ter diminuído em certos aspectos no desenvolvimento teológico posterior, o que explicaria por exemplo a presença de ambos os livros na LXX.

No livro de 1 Macabeus já há a menção aos *hasidim* (em grego: *Assidaioi*), palavra que expressa a organização de grupos religiosos de devotos e piedosos, que buscavam viver conforme as leis de Deus. Segundo Robert Martin-Achard, os *hasidim* não

⁶⁸ BERTHELOT, 2006, p. 111.

⁶⁹ cf. Targum de Jerusalém, *Ta'anit* IV,8 (68d).

⁷⁰ Para Uriel Rappaport, 1 Macabeus traz a ideia de que “sucesso e fracasso são manifestações da vontade e plano de Deus, mas isto não apaga os valores humanos da coragem, devoção, sabedoria, astúcia, etc”. Esta ideia, segundo Rappaport, “é similar a alguns elementos da ‘quarta filosofia’ descrita por Josefo, que postulou que Deus ajuda aqueles que agem por si mesmos” (RAPAPORT, 2001, p. 711). Essa ideia, do “sinergismo” com Deus, está também presente entre os fariseus (HORSLEY; HANSON, 2013, p. 168), de modo que é possível que a “quarta filosofia” foi formada e liderada tanto por fariseus como por outros de tendência mais ativista (HORSLEY; HANSON, 2013, p. 172), a exemplo dos sicários e dos zelotes. Sobre a relação entre a quarta filosofia, os sicários e os zelotes, cf. HORSLEY; HANSON, 2013, pp. 166-207.

⁷¹ VERMES, 2013, p. 54.



foram “uma criação *ex nihilo* do tempo dos macabeus”⁷², mas foram antes o desenvolvimento de uma busca mais profunda por um relacionamento com Deus, já presente no Antigo Testamento. É bem provável que os *hasidim* tenham se organizado em “círculos sacerdotais-apocalípticos que olhavam com ceticismo o culto praticado no templo de Jerusalém”⁷³. Assim como 1 Macabeus 2.42 parece se referir à união entre muitos *hasidim* e os macabeus, também é possível que Daniel 11.34 se refira a esta união, de modo a criticar os macabeus como “hipócritas”. A grande diferença entre os *hasidim* e os macabeus era que, enquanto os primeiros buscavam a realização do reino de Deus do fim dos tempos, os segundos tinham uma “política realista”⁷⁴.

É evidente que a perspectiva asmoneia transmitida em 1 Macabeus de que “a importância da preservação da vida excede a observação do Sabbath”⁷⁵ coincide com a posterior ideia farisaica de que “qualquer perigo de vida permite violar o Sábado”⁷⁶, de modo que também se pode apagar a lâmpada ao sábado, desde que por uma preocupação com situações perigosas⁷⁷. Esta perspectiva não é acompanhada pelos essênios de Qumran, que defendiam que “se no dia do sabbat um homem vivo cai numa cisterna ou qualquer outro buraco, não deve ninguém o tirar nem com uma escada, nem com uma corda e nem com qualquer outro instrumento que seja”⁷⁸. Ora, não é de se espantar que o antigo grupo dos *hasidim* se dividiu de modo que a partir deste se formaram tanto o grupo dos fariseus, que firmou uma aliança com

⁷² MARTIN-ACHARD, 2015, p. 236.

⁷³ SCHUBERT, 1979, p. 18.

⁷⁴ SCHUBERT, 1979, p. 19.

⁷⁵ SHEPKARU, 2006, p. 13.

⁷⁶ *Joma* VIII,6.

⁷⁷ *Sabbat* XI,5. É possível que 1 Macabeus tenha exercido uma influência na compreensão de muitos fariseus a respeito da observação do sábado, principalmente de fariseus leitores desta obra, como Flávio Josefo. Segundo Borchardt, Josefo lê o relato de 1 Macabeus como uma fonte da interpretação e observação do sábado em seu tempo (BORCHARDT, 2015, p. 181). Sobre a influência dos asmoneus na interpretação do sábado, cf. BORCHARDT, 2015.

⁷⁸ *CD* 11,16s.



os macabeus⁷⁹, quanto o grupo dos essênios, que cultivaram uma forte oposição aos asmoneus, de modo a se estabelecerem à parte de Jerusalém, na comunidade de Qumran.

Diferente da teologia de 1 Macabeus, porém, os fariseus eram marcados pela crença na ressurreição, de modo que os saduceus, grupo completamente sujeito e ligado ao Templo de Jerusalém, foi justamente o que parece ter preservado de modo mais puro as ideias presentes tanto em 1 Macabeus como mesmo entre os asmoneus. Tendo os saduceus cooperado com os sumos sacerdotes do período asmoneu⁸⁰, herdaram a valorização da ação humana, de modo que viam o homem como plenamente livre e responsável por suas próprias ações⁸¹. Também foram marcados por um pragmatismo político e religioso, facilmente explicado por sua sujeição ao domínio asmoneu e posteriormente ao domínio romano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teologia de 1 Macabeus, portanto, muito diferente da teologia de 2 Macabeus, não carregava consigo a esperança escatológica da ressurreição, senão uma esperança bastante materialista na vitória dos judeus sobre seus opressores. Esta esperança é também traduzida na forma de resistência que é valorizada, de modo que apesar da resistência dos mártires ser mencionada e respeitada, não é incentivada, uma vez que se faz necessária a resistência armada, a fim de que a obra de Deus na libertação do povo alcance seu resultado através dos homens que tomam em armas para realizar a guerra santa.

⁷⁹ SCHUBERT, 1979, pp. 24-25. Não se deve exagerar tal associação entre fariseus e asmoneus, até porque os fariseus acabam sofrendo uma forte perseguição a partir dos reinados de João Hircano (134-104 a.C.) e Alexandre Janeu (103-76 a.C.), terminando apenas sob Salomé Alexandra (76-67 a.C.). Cf. Flávio Josefo, *AJ*, XIII.10.5-6; Talmude, *Kiddushin*, 66a. Também o uso de 1 Macabeus pelos fariseus deve ser relativizado, uma vez que o livro não entrou no cânon judaico farisaico.

⁸⁰ SCHUBERT, 1979, p. 54.

⁸¹ SCHUBERT, 1979, p. 55.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMITAY, Ory. “The Correspondance in I Maccabees and the possible origins of the Judeo-Spartan connection”, *Scripta Classica Israelica*, No. 32, p. 79-105, 2013.

BECKING, Bob. *Ezra, Nehemiah, and the Construction of Early Jewish Identity*. Tübingen, Mohr Siebeck, 2011. (Forschungen zum Alten Testament, 80).

BERTHELOT, Katell. “L'idéologie maccabéenne: entre idéologie de la résistance armée et idéologie du martyr”, *Revue des Études juives*, Vol. 165, No. 1-2, p. 99-122, janvier-juin 2006.

_____. “The Biblical Conquest of the Promised Land and the Hasmonean Wars according to 1 and 2 Maccabees”, In: XERAVITS, Géza G.; ZSENGELLÉR, József. (ed.). *The Books of the Maccabees: History, Theology, Ideology*. Papers of the Second International Conference on the Deuterocanonical books, Pápa, Hungary, 9-11 June, 2005. Leiden: Brill, 2007. pp. 45-60.

BICKERMAN, Elias. “The God of the Maccabees: studies in the Meaning and Origin of the Maccabean Revolt”, In: _____. *Studies in Jewish and Christian History: a new edition in english including The God of the Maccabees*. Volume 2. Edited by Amram Tropper. Leiden/Boston: Brill, 2007. pp. 1025-1149.

BORCHARDT, Francis. “Sabbath Observance, Sabbath Innovation: The Hasmoneans and their Legacy as Interpreters of the Law”, *Journal for the Study of Judaism*, Vol. 46, p. 159-181, 2015.

BREMMER, Jan N. “Spartans and Jews: Abrahamic cousins”, In: GOODMAN, Martin; VAN KOOTEN, George H.; VAN RUITEN, Jacques T. A. G. M. *Abraham, the Nations, and the Hagarites: Jewish, Christian, and Islamic perspectives on Kinship and Abraham*. Leiden: Brill, 2010. pp. 47-59.

BRETTLER, M. “Is there Martyrdom in the Hebrew Bible?”, In: CORMACK, M. (ed.). *Sacrificing the Self: Perspectives on Martyrdom and Religion*. Oxford: Oxford University Press, 2002. pp. 3-22.



CHOI, Dongbin. *Are the Hasmoneans legitimized as Kings in 1 Maccabees?* Dissertation for MRes in Theology and Religious Studies at the University of Nottingham, September 2013. 62ff.

COLLINS, John J. “Messianism in the Maccabean Period”, In: NEUSNER, Jacob; GREEN, William S.; FRERICHS, Ernest. *Judaism and their Messiahs at the Turn of the Christian Era*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 97-110.

DABROWA, Edward. “The Hasmoneans and the Religious Homogeneity of their State”, *Scripta Judaica Cracoviensia*, Kraków, Vol. 8, 2010. pp. 7-14.

DORAN, Robert. “The persecution of the judeans by Antiochus IV: The Significance of ‘Ancestral Laws’”, In: HARLOW, Daniel C. et al. (eds.). *The “Other” in Second Temple Judaism: essays in Honor of John J. Collins*. Grand Rapids/Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2011. pp. 423-433.

FARMER, William Reuben. *Maccabees, Zealots, and Josephus: An Inquiry into Jewish Nationalism in the Greco-Roman Period*. New York: Columbia University Press, 1956.

FELDMAN, Louis H. “Josephus’ Portrayal of the Hasmoneans compared with 1 Maccabees”, In: PARENTE, Fausto; SIEVERS, Joseph. (eds.). *Josephus and the History of the Greco-Roman Period: essays in Memory of Morton Smith*. Leiden/New York/Köln: Brill, 1994. (Studia Post-Biblica, 41). p. 41-68

GAFNI, Isaiah M. “Josephus and I Maccabees”. In: FELDMAN, Louis H.; HATA, Gohei. (eds.). *Josephus, the Bible, and History*. Detroit: Wayne State University Press, 1989. p. 116-131.

GALLAZI, Sandro; RUBEAUX, Francisco. *Primeiro Livro dos Macabeus: Autocrítica de um guerrilheiro*. Petrópolis: Vozes; Sinodal, 1993.

GOLDSTEIN, Jonathan A. “How the Authors of 1 and 2 Maccabees treated the ‘Messianic Promises’”, In: NEUSNER, Jacob; GREEN, William S.; FRERICHS, Ernest. *Judaism and their Messiahs at the Turn of the Christian Era*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 69-96.

_____. *I Maccabees: A New Translation with Introduction and Commentary*. Garden City, NY: Doubleday & Company, Inc., 1976.



_____. “The Hasmonean revolt and the Hasmonean dynasty”. In: DAVIES, W. D.; FINKELSTEIN, L. (eds.). *The Cambridge History of Judaism*. Volume 2: The Hellenistic Age. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 292-351.

_____. “The Hasmoneans: The Dynasty of the God’s Resistors”. *Harvard Theological Review*, Vol. 68, No. 1, p. 53-58, Jan. 1975.

HABICHT, Christian. “The Seleucids and their rivals”, In: HABICHT, Christian. *The Hellenistic Monarchies: selected papers*. 4 ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2009. pp. 174-242

HEARD, Warren J. “The Maccabean Martyrs’ contribution to Holy War”, *Evangelical Quarterly*, Vol. 58, p. 291-218, 1986.

HIEKE, Thomas. “The role of ‘Scripture’ in the last words of Matthatias (1 Macc 2:49-70)”, In: XERAVITS, Géza G.; ZSENGELLÉR, József. (ed.). *The Books of the Maccabees: History, Theology, Ideology*. Papers of the Second International Conference on the Deuterocanonical books, Pápa, Hungary, 9-11 June, 2005. Leiden: Brill, 2007. pp. 61-74.

HIMMELFARB, Martha. “Judaism and Hellenism in 2 Maccabees”, *Poetics Today*, Vol. 19, No. 1, p. 19-40, 1998.

HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. 3ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2013.

JOÜON, Paul. “Quelques hébraïsmes de syntaxe dans le premier livre des Maccabées”, *Biblica*, Vol. 3, p. 204-206, 1922.

MARTIN-ACHARD, Robert. *Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2015.

MCCLELLAN, Daniel O. “A Reevaluation of the Structure and Function of 2 Maccabees 7 and its text-critical implications”, *Studia Antiqua*, Vol. 7, No. 1, p. 81-95, spring 2009.

MILLAR, Fergus. *Rome, the Greek World, and the East*. Volume 3: The Greek World, the Jews, and the East. Edited by Hannah M. Cotton and Guy M. Rogers. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006.



MOMIGLIANO, Arnaldo. *Alien Wisdom: The Limits of Hellenization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975a.

_____. “The Second Book of the Maccabees”, *Classical Philology*, Vol. 70, No. 2, p. 81-88, 1975b.

_____. “The date of the First Book of the Maccabees”, In: *L’Italie préromaine et la Rome républicaine*. I. Mélanges offerts à Jacques Heurgon. Rome: École Française de Rome, 1976. (Publications de l’École française de Rome, 27). p. 657-661.

NISULA, Timo. “Time has passed since you sent your letter’: Letter Phraseology in 1 and 2 Maccabees”, *Journal for the Study of the Pseudepigrapha*, Vol. 14, No. 3, p. 201-222, 2005.

RAJAK, Tessa. *The Jewish Dialogue with Greece and Rome: Studies in Cultural and Social Interaction*. Leiden: Brill, 2001.

RAPPAPORT, Uriel. “I Maccabees”, In: BARTON, John; MUDDIMAN, John. (ed.). *Oxford Bible Commentary*. Oxford: Oxford University Press, 2001. pp. 711-734.

ROST, Leonard. *Introdução aos livros apócrifos e pseudoepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SHEPKARU, Shmuel. *Jewish Martyrs in the Pagan and Christian Worlds*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SORDI, Marta. “L’elogio dei Romani nel I libro dei Maccabei”, In: SORDI, Marta. (ed.). *Storiografia e propaganda: contributi dell’ Istituto di storia antica*. Vol. 3. Milan: Vita e Pensiero, 1975. p. 95-104.

TOMES, Roger. “Heroism in 1 and 2 Maccabees”, *Biblical Interpretation*, Vol. 15, p. 171-199, 2007.

VERMES, Geza. *Ressurreição*. Rio de Janeiro: Editora Recor

